

O novo desafio para os brinquedos mais amados do cinema

Lindsay Collin, produtora de 'Toy Story 5', revela ao Correio aspectos da nova aventura da franquia mais popular da Pixar

PEDRO SOBREIRO

Grande lançamento da Pixar no ano, 'Toy Story 5' chega aos cinemas nesta quinta-feira (18) para continuar com a saga de Woody, Buzz Lightyear e os outros brinquedos que encantam gerações há mais de três décadas. Dessa vez, a grande ameaça aos brinquedos é a tecnologia. Na trama, a pequena Bonnie ganha um tablet chamado "Lilypad", que rouba toda a atenção da criança.

Deixados de lado, os brinquedos tentam consertar a situação, mas logo se deparam com uma situação inusitada: o aparelho pode filmá-los e expor o segredo dos brinquedos ao mundo.

Para ajudar com esse problema, Jessie e Buzz vão contar com a ajuda do velho amigo Woody, que voltará à trama depois de uma bela despedida para viver com seu amor, Betty,

em um parque de diversões em 'Toy Story 4' (2019).

A convite da Pixar Animation Studios, o Correio da Manhã conversou com Lindsey Collins, vice-presidente sênior de Desenvolvimento da Pixar, e produtora de "Toy Story 5" para desvendar alguns segredos sobre o novo sucesso da casa.

Uma das novidades do filme é o visual do Woody, que quebrou a internet com seu jeito "paizão aposentado". O cowboy de pelúcia e vinil está mais "cheinho", ostentando uma barriguinha de chope, e está calvo. Questionei Lindsey se essa piada visual foi uma brincadeira com as crianças que viram o primeiro filme nos cinemas, que já estão vendo as primeiras 'entradas' nascerem no cabelo. "Olha, se o Andrew [Stanton, diretor do filme] estivesse aqui, ele diria: 'Com certeza!'. Nós pensamos: 'Quer saber? Ele merece isso'. Ele está vivendo a melhor fase de sua vida. Ele está se aventurando pela estrada com o seu poncho... E a vida na estrada é dura, ele não tem tempo para ficar cuidando do cabelo. Ele só está envelhecendo, e está



Brinquedos vão enfrentar a chegada avassaladora da tecnologia na rotina infantil em 'Toy Story 5'

tudo bem! Ficamos surpresos com o quanto o público se mostrou protetor com o Woody quando o trailer saiu e as pessoas reagiram a essa cena", brincou Lindsey.

Um grande desafio acerca desse filme é um certo preconceito, por assim dizer, de parte dos fãs, que sentem que a saga acabou em 2010, com Toy Story 3, e torcem o nariz para os novos capítulos da franquia que vieram depois. Apesar disso, Toy Story 4 venceu o Oscar de Melhor Animação e arrecadou mais de US\$ 1 bilhão. Para a Pixar,

essas críticas não podem afetar no processo criativo dos artistas. "Eu penso que 'Toy Story 3' foi, de certa forma, o fim do 'capítulo do Andy' na franquia, por assim dizer. Depois, com 'Toy Story 4', foi o início da 'Era Bonnie'. E agora, para criar 'Toy Story 5', o processo criativo foi igual ao de todos os nossos filmes: nós simplesmente começamos nos perguntando: 'Existe uma história a ser contada aqui?'. Nós debatemos isso por um tempo e, às vezes, a resposta é 'não', e todo mundo segue em frente. Mas surgiram algumas

ideias neste projeto que pareceram super instigantes para todos nós e, certamente, para o Andrew [Stanton], que estava escrevendo o roteiro — disse a produtora.

Questionada sobre que ideias foram essas, ela acabou revelando um pouco mais da trama do novo filme. "A primeira foi perceber que a Jessie agora é quem está no comando. Teve aquele momento da passagem do distintivo de xerife para ela no final do filme 4, então pensamos: 'Ok, o que aconteceria se a Jessie comandasse o quarto?'. A segunda foi: 'O que os brinquedos estariam passando nos dias de hoje?'. Sabe, eles são como pequenos vampiros; continuam com a mesma idade, mas o mundo ao redor avança. Eles teriam que lidar com a tecnologia, e isso seria um problema gigantesco para eles, porque as crianças estão tendo acesso a dispositivos tecnológicos cada vez mais cedo. E isso representa uma enorme ameaça para os brinquedos, e nós vemos isso acontecer com nossos próprios filhos", contou.



Lindsay Collins, vice-presidente de Desenvolvimento da Pixar e produtora de 'Toy Story 5'

“Com 'Toy Story 5', nós pensamos: 'O que aconteceria se a Jessie comandasse o quarto?' [...] E a tecnologia representa uma enorme ameaça para os brinquedos hoje em dia”

LINDSAY COLLINS

ENTREVISTA | EDUARDO NUNES

CINEASTA

'Um espelho nunca reflete uma imagem fiel, mas algo sobre um determinado ponto de vista'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Uma anedota elogiosa ronda o cinema brasileiro desde que Eduardo Nunes lançou o cultuado "Sudoeste" (2011), referindo-se ao fato de que o P&B empregado por ele "ostenta o preto mais preto e o branco mais branco que a suspensão do real produzida pela ausência de cor jamais viu igual". A brincadeira é uma forma de elogiar experimentos como "Cinco da Tarde", terceiro longa-metragem do cineasta de 57 anos, formado pela Universidade Federal Fluminense em 1995, que estreia nesta quinta. Exibida no Girona Film Festival da Espanha, no International Film Festival of Nepal e no indiano Kolkata Film Festival, essa coprodução com Portugal terá uma pré-estreia nesta quarta, no Cine Arte UFF, em Niterói, seguida de debate entre Nunes e os professores da UFF Tunico Amâncio e Mariana Baltar.

De uma delicadeza contagiante, "Cinco da Tarde" acompanha Anabel (Bárbara Luz), uma jovem de 17 anos que está lidando com a morte de sua avó e encontra em Meiko (Sharon Cho), sua vizinha tímida, uma conexão inesperada. À medida que se aproximam, as duas descobrem experiências em comum e compartilham sentimentos... de perda, solidão e pertencimento.

De que maneira Anabel e Meiko se espelham e se complementam na relação de afeto (ou de descoberta) que formam; e de que forma, a inevitável lembrança de "Persona" (1966), de Bergman, provocada pelo seu P&B delicado, marca conscientemente esse espelhamento?

Eduardo Nunes - Vejo a Anabel e Meiko com posições bem distintas em relação ao luto. Anabel tem uma reação dinâmica, impaciente com a ideia da morte. Acho que até um pouco de raiva. Não sabe como se comportar com este sentimento na relação com as outras pessoas. Como se negasse esta morte, o que faz parte do processo de luto. A Meiko, por sua vez, é mais compreensiva. Talvez porque já tenha vivenciado este luto há mais tempo, ou talvez por seu próprio temperamento. Mas cada uma delas se reconhece na outra. Reconhece uma forma possível de viver o luto; e neste sentindo é como um espelho. Pois um espelho nunca reflete uma imagem fiel, mas algo sobre um determinado ponto de vista, às vezes, até oposto. O "Persona" é uma referência importante para mim, na minha formação como cineasta e como ser humano. Acredito que o P&B com predominância de sombras e um contraste alto aproxime a

imagem dos dois filmes. Mas gosto ainda mais de pensar na proximidade criada por uma situação limite: onde duas mulheres dividem um mesmo ambiente, e as duas estão em crises existenciais. Adoraria que isso aproximasse estes dois filmes.

De que maneira "Cinco da Tarde" funciona, na tua obra, como um retrato geracional, como investigação sobre as conexões que se formam na primavera da vida?

Quando comecei a escrever o argumento pensei que isso seria um desafio. Não convivo com tantos jovens nesta idade. Mas, ao mesmo tempo, esse não era um assunto totalmente novo para mim: a personagem de "Sudoeste" vive diversas fases da vida, passando por este momento também; em "Unicórnio", a Maria (também interpretada pela Barbara Luz) vive um momento de abandonar a infância e viver a adolescência. Mas estes dois filmes eram assumidamente fábulas. "Cinco da Tarde" pretende ser um filme contemporâneo e com questões atuais (inclusive datando a pandemia). Eu não queria retratar a Anabel e Meiko como clichês de uma geração: sim, elas usam o celular o tempo todo, possuem o comportamento desta geração, mas gostaria de investigar um



Divulgação

seria o quarto dela, mas o que vemos é o avesso do cenário, com madeiras, refletores, escadas, etc... E a avó está sentada normalmente, como se fosse o quarto dela. Acho isso tão bonito. Misturamos o real, o imaginário e o "fazer o imaginário com o real" que é justamente criar um filme. Muito tempo depois vi uma cena semelhante em "Ervas Secas", de Nuri Bilge Ceylan, um cineasta que gosto muito.

As marcas mais existenciais que te seguem desde "Sudoeste" (2011) não parecem apontar para a solidão, mas, sim, para novos códigos de convívio. Que conexões sentimentais/relacionais pavimentam seus filmes, sobretudo "Cinco da Tarde"?

É uma pergunta linda. Eu tenho uma relação muito especial com a solidão, vivo sozinho há muitos anos, e, estranhamente, é algo que te permite olhar o mundo de um jeito especial. O tempo todo criamos máscaras para qualquer tipo de relação, até mesmo para a relação com nós mesmos. Mas é possível praticar uma relação mais direta com o mundo, e talvez, quando estamos sozinhos, isso fique mais fácil. Digo numa relação mais sensorial com o mundo: escutar os silêncios; observar as pessoas e os animais e as coisas quando estas não sabem que estão sendo observadas; sentir os cheiros etc... é preciso estar atento a isso tudo. E talvez, quando estamos sozinhos, os sentidos são direcionados a isso. Em "Cinco da Tarde", Anabel e Meiko são obrigadas a encarar a solidão, e com isso também são obrigadas e observar o mundo por um determinado prisma: ficar atenta aos detalhes. Quando Anabel caminha pelo parque pela primeira vez, ela para, observando as folhas se movendo ao vento, e, logo depois, a atenção vai para um pássaro que a encara. Acredito que se ela não estivesse sozinha, ela conseguiria observar isso. E quando as duas estão juntas, mas cada uma em sua solidão, o diálogo é preenchido por silêncios, são os momentos de solidão prevalecendo, fazendo existir o que você chamou de "novos códigos de convívio".

pouco mais: de como esta geração reage a dor da perda. E aí acho que encontramos muitas semelhanças entre as diferentes gerações.

O que o P&B de seu habitual parceiro, o fotógrafo Mauro Pinheiro Jr., oferece a você como espaço de investigação não apenas do real, mas do onírico, da imaginação?

Eu e o Mauro gostamos muito do P&B, de minha parte por fugir de um registro real. Vemos um mundo em cores (a maioria de nós) e o P&B sugere uma "narrativa inventada" distante do real. Por isso, abre esse espaço para o onírico. Mesmo no "Unicórnio", o colorido era irreal sugerindo o ambiente de

sonho. Eu, pessoalmente, não consigo criar uma narrativa realista, se chamarmos assim. Talvez porque a minha forma de ver a vida misture sonho e real, alguns episódios na minha história não sei se realmente aconteceram ou se alguém contou... ou não sei mesmo se sonhei com isso. Acho que o cinema tem essa capacidade incrível de filmar sonhos. Não podemos desperdiçar isso. Há uma cena no "Cinco da Tarde" de que gosto muito. Toda vez que Anabel vai visitar a avó procuramos dar este tom a mais de onírico, fragmentando essa fronteira com o real. E em uma das vezes o apartamento está quase completamente escuro, apenas o aquário está aceso. Anabel vai entrando e não encontra a avó, então abre uma porta e entra no que

Kara, coragem e coração da DC



De Rhaenyra Targaryen ao papel de sobrevivente de Krypton, estrela australiana nascida em 11 de abril de 2000 voa para o alto... e avante

Bonde hollywoodiano de 'Supergirl' passa pelo Brasil para promover o novo longa da 'super família' de heróis de Krypton, que estreia no dia 23, calçado por quadrinhos de respeito

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Representada pela roteirista (de DNA brasileiro) Ana Nogueira, a atriz Milly Alcock, o diretor Craig Gillespie e o produtor Peter Safran, a esquadra de representantes de "Supergirl", que estreia no próximo dia 23, passou pelo Rio de Janeiro na segunda-feira buscando holofotes cariocas para um novo (quicá definitivo) capítulo da relação entre a DC Comics e o cinema. A heroína vivida pela estrela de "A Casa do Dragão" (série na qual encarnou Rhaenyra Targaryen) tem agora a tarefa de fazer da Superfamília uma mina de ouro, alavancando o projeto criado pelo cineasta e produtor James Gunn. Em 2025, ele repaginou Kal-El e seu alter ego, Clark Kent, vivido por David Corenswet numa superprodução de US\$ 225 milhões que arrecadou menos do que o esperado (US\$ 618,7 milhões).

Uma parte dois, chamada "Man of Tomorrow", já está em andamento, com o (genial) ator Lars Eidinger no papel do vilão, Brainiac. Antes, Corenswet será visto ao lado de Milly na aventura solo da Supergirl (afinal, Kal-El é primo dela), na qual a vigilante deve salvar seu cão, Krypto, mortalmente ferido pelo pirata galáti-

co Krem (Matthias Schoenaerts), em meio a uma parceria com o caçador de recompensas Lobo (Jason Momoa).

"É difícil para ela viver num planeta sem poderes, mas escolher salvar um mundo é bonito", diz a atriz em sua visita ao Rio, num evento num coworking do Bossa Nova Mall, perto do Santos Dumont, onde Ana Nogueira arriscou palavras em português.

"É um sonho realizado", disse a roteirista.

Faltou ao evento um tanto de carinho com as raízes quadrinísticas da Supergirl, em especial na menção ao álbum gráfico "A Mulher do Amanhã", lançado aqui pela Panini. Graças à arte exuberante da desenhista Bilquis Evely, esta minissérie compilada num só volume fez sucesso de venda nos EUA e concorreu ao Prêmio Eisner, o Oscar das HQs. Sua protagonista, Kara Zor-El, passou por muitas aventuras épicas ao longo dos anos, mas hoje acredita estar sem propósito. Para onde vá, as pessoas só a veem como prima do Superman. Até que tudo muda, quando uma garota alienígena a procura para uma missão de vingança contra os vilões que exterminaram seu planeta. Agora, uma kryptoniana, um cachorro e uma criança com o coração partido partem para o espaço em uma jornada que mudará suas vidas para sempre. O roteiro é do aclamado Tom King.



De passagem pelo Rio, no bonde Supergirl, no fim de semana, Milly Alcock visitou o Brasil na CCXP, em SP



A artista gráfica Bilquis Evely reinventa a Supergirl num gibi indicado ao prêmio Eisner que debate inadequação

Criada pelo roteirista Otto Binder (1911-1974) e pelo desenhista Al Plastino (1921-2013), Supergirl surgiu oficialmente em maio de 1959, nas páginas da revista "Action Comics" nº 252, publicada pela DC Comics. A personagem nasceu durante a chamada Era de Prata dos quadrinhos, período em que as editoras ampliavam seus elencos de heróis para atender a um público cada

vez mais diversificado. Kara Zor-El chega ao nosso planeta como ressaca tardia da destruição de Krypton. Segundo a cronologia clássica, Kara escapou da cidade kryptoniana de Argo City e foi enviada à Terra para reencontrar o primo, tornando-se uma das figuras mais populares da chamada Família Superman.

Ao longo das décadas, a personagem passou por diversas re-

formulações editoriais, incluindo encarnações como Matrix, Linda Danvers e Cir-El, reflexo das constantes reorganizações de continuidade promovidas pela DC. Ainda assim, Kara permaneceu como a versão mais conhecida e influente da heroína. Entre suas HQs mais importantes estão as histórias de apoio em "Action Comics" durante os anos 1960; a revista solo "Supergirl", publicada entre 1972 e 1974; sua participação decisiva em "Crise nas Infinitas Terras", de 1985, considerada uma das mortes mais emblemáticas dos quadrinhos; a série "Supergirl" escrita por Peter David entre 1996 e 2003; "Superman/Batman: The Supergirl from Krypton", que reintroduziu Kara à cronologia moderna em 2004; e a já citada minissérie "Supergirl: Woman of Tomorrow", de Tom King e Bilquis Evely, recém-relançada no Brasil em formato de bolso.

A trajetória da heroína extrapolou os quadrinhos. No cinema, ganhou seu primeiro longa-metragem em "Supergirl" (1984), estrelado por Helen Slater. Décadas depois, alcançou nova geração de fãs na série televisiva "Supergirl" (2015-2021), protagonizada por Melissa Benoist, uma das produções mais bem-sucedidas do chamado Arrowverse. A personagem também apareceu em "The Flash" (2023), interpretada por Sasha Calle, antes da reformulação do universo cinematográfico da DC.

Além de "Supergirl", a Warner vai explorar as pérolas editoriais da empresa que publica o Homem de Aço com "Clayface", sobre o vilão Cara de Barro, previsto para outubro de 2026; com a série "Lanterns", centrada nos Lanternas Verdes, feita para a HBO Max; e com "The Batman: Part II", de Matt Reeves, agendado para outubro de 2027.

Na Gávea tem forró? **Tem, sim senhor!**

Coletivo forrozeiro liderado por Pedro Miranda fez fama com bailes e agora grava seu primeiro álbum mostrando a vitalidade dos ritmos nordestinos

AFFONSO NUNES

Depois de oito anos tocando nas ruas da Gávea, o coletivo Forró da Gávea chega às plataformas digitais nesta semana com “Amor Verdadeiro”, seu primeiro álbum de estúdio. O disco reúne 15 faixas que refletem a trajetória do grupo idealizado pelo cantor e músico Pedro Miranda em 2018.

O projeto nasceu da vontade de exaltar a riqueza do forró e seus subgêneros — xote, côco, baião, xaxado, rojão e arrasta pé. Formado por Durval Pereira (zabumba e percussões), Pedro Aune (contrabaixos acústico e elétrico), Rafael dos An-

jos (arranjos e violão) e Rodrigo Ramalho (sanfona), o grupo se consolidou com apresentações regulares no bairro que deu nome ao coletivo.

O repertório do álbum mistura clássicos do forró — com músicas de Luiz Gonzaga, Sivuca, Caetano Veloso e Chico Buarque — e uma composição inédita de Pedro Miranda e Moyséis Marques. Duas faixas instrumentais homenageiam Dominginhos e Oswaldinho do Acordeon. A abertura fica com “A Dança da Moda”, trazida pelo amigo Giuliano Eriston em uma das canjas do grupo.

Segundo Pedro Miranda, a seleção das músicas foi natural, a partir do repertório que o grupo já tocava. “A ideia foi reunir artistas e músicos



Pedro Miranda lidera o projeto que fez fama no bairro que lhe dá nome e agora ganha forma em formato de álbum

“A ideia foi reunir artistas e músicos amigos em um grande baile de forró dentro do estúdio, reproduzindo as nossas apresentações ao vivo. É um álbum para se ouvir dançando”

PEDRO MIRANDA

amigos em um grande baile de forró dentro do estúdio, reproduzindo as nossas apresentações ao vivo. É um

álbum para se ouvir dançando”, explica o músico.

O disco conta com partici-

pações de Francis Hime, Mônica Salmaso, Moreno Veloso, Moyséis Marques, Teresa Cristina, Roberta Sá, Giuliano Eriston, Juliana Linares, Marcelo Mimoso e Tâmara Terra. Além de Rodrigo Ramalho, sete sanfoneiros acompanham os intérpretes: Kiko Horta, Nonato Lima, Cosme Vieira, Rafael Meninão, Marcelo Caldi, Nandinho Barros e Adelson Viana. Piano de Francis Hime, flauta de Edu Neves, sax soprano de Carlos Malta e guitarras de Dadi, Gabriel de Aquino e Giuliano Eriston completam a sonoridade do trabalho.

CRÍTICA DISCO | O MUNDO LIVRE DE MENESCA & PERANZZA

Aquiles Rique Reis*

Hoje falaremos de Roberto Menescal e Gilson Peranzetta, dois grandes músicos que gravaram o álbum O Mundo Livre de Menesca & Peranzza (Mills Records), aqui nomeados como carinhosamente são tratados pelos amigos. Observação: as parcerias de grandes nomes da música brasileira são positivas e dignas de aplauso. O público merece conhecer melhor os talentos dos que se juntam, porque ao saírem de suas zonas de conforto eles sempre inovam. Proporcionando momentos únicos, proporcionam também boas surpresas aos amantes da música. Entretanto, na nossa categoria profissional, dispersa por natureza, cada um tende a se isolar em seu mundo particular, deixando de ouvir o que outros fazem. Romper essa barreira com encontros musicais, pode trazer benefícios profissionais e pessoais a todos.

Abraçando a música

O álbum.

“Samba Impossível” (Peranzza e Menesca): a bossa nova está no sangue e na voz de Menesca. Sua guitarra brilha num intermezzo que vem com vocalises enxutos. O piano de Peranzza, também com vocalises, vem junto. Bela abertura de tampa!

“Agarradinhos” (Menesca e Rosalia de Souza): a pegada atrai pela sofisticação. A guitarra brilha. O baixo fretless marca presença. O piano conduz o tema, a guitarra improvisa e a peça instrumental triunfa.

“Obsession” (Dori Caymmi e Peranzza): o piano abre os trabalhos e chama a guitarra. Ambos puxam a composição feita com extremo rigor melódico e harmônico. Os improvisos se alternam.



“Caminho do Mar” (Peranzza): momento em que a guitarra e o piano brilham num samba lento, uma bossa nova da melhor qualidade. Os instrumentistas se esbaldam em solos de arrepiar. Novamente, o baixo fretless os apoia.

“Mundo Livre” (Menesca e

Pio Rodrigues Neto): o duo inicia o canto e os caras mostra a letra plena de diminutivos, suingados que só eles. Por vezes abrindo em terças, suas vozes traçam o mapa de um momento único.

“Quim, Quim” (Peranzza): o piano vem com vocalises. A guitarra se soma a eles, o baixo está presente. E tudo segue com a precisão de quem sabe o que faz.

“A Morte de Um Deus de Sal” (Menesca e Ronaldo Bôscoli): bela música, trazida à luz pelo duo de amigos craques e unidos.

“Vem Cá Menesca” (Peranzza): atendendo ao chamado, Menesca vem firme junto com o piano de Peranzza, que improvisa até devolver o proscênio para

a guitarra de Menesca. Bom pra chuchu!

“Bye Bye Brasil”: o baita sucesso de Menesca e Chico Buarque fecha a tampa de um álbum que, sem dúvida, é um marco admirável da discografia brasileira.

Resumindo e finalizando: a música os (re)aconchega e induz os dois amigos, graças a seus laços, a renovarem a sua arte. E isso é muito bonito! Ouça o álbum em <https://11nk.dev/ndmsu6y>.

Ficha técnica

Roberto Menescal (guitarra e arranjo) e Gilson Peranzetta (piano e arranjo); músicos convidados: Ricardo Costa (bateria) e Didier Fernan (baixo) — ele que também idealizou, produziu, gravou, mixou e masterizou O Mundo Livre de Menesca & Peranzza.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Após sete anos circulando por festivais, teatros e projetos em diferentes cidades do país, o monólogo “Iago” retorna ao Rio de Janeiro em temporada que se encerra neste domingo (21) no Teatro Futuros - Arte e Tecnologia, no Flamengo. O espetáculo, inspirado em “Otelo” de William Shakespeare, coloca em cena Marcio Nascimento, ator indicado ao Prêmio Shell de Melhor Ator em 2019 pela mesma produção.

Sozinho no palco, ele interpreta Iago e simultaneamente dá corpo e voz aos demais personagens da tragédia por meio de bonecos e formas animadas. O recurso cênico transforma em imagem concreta o núcleo dramático da peça: o exercício de manipulação psicológica que Iago exerce sobre todos ao seu redor. A direção é assinada por Miwa Yanagizawa — vencedora dos prêmios Shell e APTR de Melhor Direção por “Nastácia” — e pelo próprio Marcio Nascimento. O texto é de Geraldo Carneiro, e a música executada ao vivo pelo violoncelista Marcio Malard.

A história acompanha a explosão do ódio do personagem após ser preterido por Otelo na promoção ao posto de tenente, cargo entregue ao jovem Cássio. Humilhado e consumido pelo ressentimento, Iago arquiteta um plano para destruir o general mouro, levando-o a acreditar que sua esposa, Desdêmona, mantém um caso amoroso com Cássio. A partir daí, instala-se uma cadeia de mentiras, ciúmes e jogos de poder que conduz os personagens à tragédia.

Na adaptação de Geraldo Car-



Marcio Nascimento traz ‘Iago’ de volta em montagem que une animação e tragédia clássica

A ardilosa mentira em cena

‘Iago’ revisita o célebre vilão shakespeariano com bonecos e reflexão sobre o presente

neiro, Iago assume a palavra e revisita os acontecimentos sob seu próprio ponto de vista, compartilhando com o público suas estratégias de conspiração, sua cobiça e sua natureza corrupta, ao mesmo tempo em que revela as fragilida-

des humanas que alimentam sua vingança. Em vez de apenas vilão, surge também como um observador ácido da alma humana.

O espetáculo nasceu do desejo de Marcio Nascimento de investigar Shakespeare a partir do teatro

de animação, linguagem na qual construiu sua trajetória artística. Integrante da companhia PeQuod – Teatro de Animação desde sua fundação, o ator já manipulou mais de 50 bonecos em espetáculos apresentados no Brasil e no exte-

rior, passando por cidades de Portugal, Espanha e China. Em “Iago”, ele une a experiência acumulada no teatro de formas animadas à dimensão psicológica da tragédia clássica.

“O espetáculo fala sobre mecanismos que ainda operam no presente: manipulação psicológica, controle emocional e destruição provocada pela mentira. Vivemos tempos de desinformação, fake news e conflitos de narrativa, e Shakespeare segue provocando reflexões sobre aquilo em que escolhemos acreditar”. O ator também destaca a dimensão de gênero e violência. “A peça lança luz sobre a violência contra a mulher e o feminicídio. Montar ‘Otelo’ hoje é criar um espelho do nosso tempo, revisitando o clássico como uma denúncia sobre intolerância, machismo, racismo e violência emocional”.

A encenação aposta numa montagem enxuta, em que atuação, música e manipulação acontecem diante do público. Os bonecos e formas animadas são assinados por Bruno Dante e Carlos Alberto Nunes, que também responde pelo cenário. Desde a estreia em 2019, “Iago” realizou temporadas no Sesc Copacabana e na Sede das Cias, além de participar da FLIP, do Festival Midrash, do Palco Giratório em Porto Alegre, e circulou por unidades do Sesc RJ pelo edital Pulsar.

SERVIÇO

IAGO

Teatro Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo) Até 21/6, de sexta a domingo (19h) | Ingressos: R\$ 60, R\$ 30 (meia) e R\$ 39 (desconto Giro Card)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



A jornada de Moana

A Cia. Ação Contínua apresenta “Moana, Um Mar de Aventuras” em sua última semana no Teatro dos Grandes Atores, na Barra da Tijuca. Inspirado na famosa animação, o espetáculo acompanha a jovem Moana em sua jornada pelo oceano para salvar sua ilha. Com direção de Marcelo Lavinas, coreografias de Thiago Farias e cenários de Kelly Régis, a montagem combina música, dança e cenografia para transportar o público a um universo mágico e emocionante. Moana é interpretada pelas atrizes Estrella Vasconcelos e Maria Clara Mello.



A perfeição não existe

A peça “Heterotopia” encerra nesta quinta (18) temporada no Teatro Municipal Café Pequeno, no Leblon. Criada por atrizes que questionam estruturas machistas nas relações amorosas, a montagem propõe um espaço onde relações equilibradas seriam possíveis. As personagens descobrem que essa perfeição não existe, mas a peça celebra a persistência em acreditar no amor. “Quando os homens falavam, eles eram ouvidos. As mulheres não. Aquilo foi dando uma inquietação e resolvemos escrever uma peça”, diz a dramaturga Cristina Mascarenhas.



Dilemas de ontem e hoje

A temporada de “Os Cegos”, no Cine Teatro Joia, chega ao seu fim nesta sexta (19). Com adaptação e direção de José Maria Rodrigues, a montagem do texto do dramaturgo belga Michel de Ghelderode propõe uma reflexão sobre dilemas humanos como a fragilidade da fé e a busca por sentido em um mundo marcado por incertezas e fake news. Ambientada no início do século XX, a encenação introduz uma personagem feminina inédita — a única capaz de enxergar com clareza o que os outros ignoram.

Sabores que atravessam o tempo (e fronteiras)

Festival reúne chefs do Brasil e da África nos jardins do Museu do Catete

AFFONSO NUNES

Quando Rikler Makabu chegou ao Brasil em 2010, trazendo na memória os segredos da culinária congoleza aprendidos com a mãe e cinco irmãs, ele não imaginava que cozinhar nos fins de semana em Barros Filho se tornaria uma ponte entre continentes. Hoje, conhecido como Kimberly, o chef congolês é uma das referências da gastronomia africana no Rio de Janeiro — e estará entre os destaques do Festival Gastronômico Ancestral, que acontece nos dias 20 e 21 de junho, no Museu da República.

O festival integra a terceira edição do Encontro das Nações – Saberes do Estado do Rio de Janeiro e reúne chefs, cozinheiros tradicionais, baianos e representantes de diferentes tradições culturais em torno de um tema central: a gastronomia como patrimônio vivo. Das 10h às 18h, nos jardins do Museu da República, no Catete, o público poderá degustar receitas que preservam memórias, histórias e saberes transmitidos entre gerações — com entrada gratuita.

Entre os pratos em destaque está o Arroz Jollof, um dos símbolos gastronômicos mais reconhecidos da África Ocidental. Preparado com especiarias aromáticas, tomates e ingredientes que conferem seu característico sabor defumado, o prato é consumido em pelo menos sete países da região. A chef Claudia Maria, da República Gastronômica, apresentará a versão tradicional acompanhada de salada de repolho com molho agridoce, banana-da-terra frita, camarão ao molho e carne à moda africana.

Rikler Makabu, que nasceu na República Democrática do Congo e também viveu em Angola, levará ao público sabores tradicionais da África Central e Ocidental. Apesar de formação em Cultura e Jornalismo, foi através da gastronomia que reencontrou suas raízes em solo bra-

sileiro. Seu projeto, Chez Kimberly Food, começou como uma iniciativa de finais de semana na comunidade de Barros Filho e se transformou em referência de intercâmbio cultural entre África e Brasil.

A chef Patrícia Vieira, idealizadora do projeto Doçuras e Raízes, apresentará receitas que integram a culinária de terreiro e a tradição afro-brasileira. Entre elas, o Omolocum — um dos pratos mais tradicionais das religiões de matriz africana, preparado com feijão-fradinho, camarão seco, cebola, azeite de dendê e ovos cozidos — e o Xinxim de Galinha, símbolo da culinária afro-baiana, feito com frango, camarão seco, castanha de caju, amendoim, leite de coco e azeite de dendê.



O chef Rikler Makabu é um dos participantes do festival

O Arroz Jollof, um dos símbolos gastronômicos mais reconhecidos da África Ocidental



Omolocum, um dos pratos mais tradicionais das religiões de matriz africana e da culinária afro-brasileira



O festival também oferecerá moqueca de banana-da-terra, açaí doce, farofa de dendê e outras preparações que preservam rituais e conhecimentos transmitidos entre gerações. Baianas tradicionais, reconhecidas como patrimônio cultural brasileiro, estarão presentes mantendo viva a tradição do acarajé e dos saberes culinários de matriz africana.

Para Marcelo Fritz, idealizador do Encontro das Nações, a iniciativa responde a uma necessidade de reconhecimento. “A culinária é um patrimônio vivo. Cada prato carrega histórias de resistência, fé, afeto e identidade. O Festival Gastronômico Ancestral é um convite para

conhecer e valorizar essas tradições que ajudaram a construir a cultura brasileira.” O evento, portanto, vai além de uma experiência gastronômica: é um encontro entre culturas, territórios e memórias que celebra a diversidade dos povos que formaram a identidade cultural e alimentar do Brasil.

SERVIÇO FESTIVAL GASTRONÔMICO ANCESTRAL

Museu da República (Rua do Catete, 153)
20 e 21/6, das 10h às 18h
Entrada franca